

## LIBERDADE, ANGÚSTIA E RESPONSABILIDADE NA PÓS-MODERNIDADE.

Ivana da Cruz Carvalhal<sup>1</sup>

**RESUMO:** Liberdade é um tema contemporâneo, pois faz parte da nossa existência cotidiana, estejamos sendo limitados pelo contexto ou sentindo-nos livres para realizar nossas escolhas. O objetivo deste artigo é provocar a reflexão sobre a liberdade na sociedade pós-moderna, tendo como referência o conceito de liberdade de Jean Paul Sartre, um dos autores mais influentes para a construção da psicologia existencial, correlacionando com a sociedade da Modernidade Líquida de Zygmund Bauman, seus impactos na vida das pessoas, as consequências de um excesso de responsabilização do indivíduo, além de traçar um breve paralelo entre abordagens como a psicologia existencial, psicanálise e psicologia comportamental, na maneira em que se relacionam com o tema.

Palavras-Chave: Psicologia. Liberdade. Angústia. Responsabilidade. Pós-modernidade.

**ABSTRACT:** Freedom is a contemporary theme as part of our daily existence, we are being limited by the context or feeling us free to make our choices. The purpose of this article is to provoke reflection on freedom in post-modern society, with reference to the concept of freedom of Jean-Paul Sartre, one of the most influential authors for the construction of existential psychology, correlating with the society of *Modernity Liquid* Zygmund Bauman, its impact on people's lives, the consequences of an individual's accountability excess, and draw a brief parallel between approaches such as existential psychology, psychoanalysis and behavioral psychology, the way they relate to the theme.

Keywords: Psychology. Freedom. Anguish. Responsibility. Postmodernity.

### 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A definição de liberdade varia de acordo com o ponto de vista analisado. Numa linguagem popular, pode significar situações em que uma pessoa pode tomar suas próprias decisões, do contrário, não é livre. Em termos políticos, liberdade é quando podemos expressar nossa vontade e opinião através do voto, de manifestações de ideias, incluindo as contrárias à ordem.

---

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela Faculdade Santana em 2011 e Pós-graduada em Psicologia Humanista pelo Instituto Döll, 2018. Email para contato: psivanacarvalhal@gmail.com

E na psicologia? Liberdade seria nos sentirmos livres para agir conforme nossos desejos? Somos livres para fazer tudo o que desejamos?

Ao sermos inseridos em um determinado contexto histórico, temos normas sociais a cumprir, que variam conforme o lugar em que vivemos, classe social, família, sexo, religião, etc. Fatos que ocorreram independentemente dos nossos desejos.

## 2. LIBERDADE E O CONTEXTO SOCIO-HISTÓRICO

Muitas escolhas feitas por outras pessoas ou situações que influenciaram nossas vidas aconteceram antes de virmos ao mundo, o mundo é o contexto onde nossa existência será construída. Nas palavras de Jean Paul Sartre, filósofo do século XX:

[...] o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada; só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo". (VIANA, 2008, p.147 *apud* SARTRE, 1987, p.5-6)

Somos seres históricos, construídos historicamente, personagens da história de outras pessoas, ao mesmo tempo fazemos história, somos autores. Neste ponto Sartre se aproxima do marxismo, levando em consideração as influências sócio-históricas desde a infância até a vida adulta, entretanto considerando o homem capaz de exercer escolhas, ou seja, livre:

[...] para Sartre, mesmo em sua época de aproximação como marxismo, a infância e a classe social não realizam um determinismo absoluto sobre o indivíduo. O ser humano continua, dentro da situação e dos condicionamentos a ter que fazer escolhas. Ele vai constantemente superando sua situação. O homem continua sendo um projeto em ato. Somente o projeto pode explicar a história, a criatividade humana. Desta forma, Sartre redefine sua concepção de homem apresentando tanto a realidade da situação e seus condicionamentos quanto sua liberdade através do projeto. (VIANA, 2008, p. 151)

A realidade nos limita, há uma variedade de fatores que são condicionantes em nosso desenvolvimento pessoal desde o nascimento até o fim de nossas vidas, como, por exemplo, a família em que nascemos, a classe social, a religião etc., exercem influência sobre os bens aos quais teremos acesso, os lugares que frequentaremos, os vínculos que iremos formar.

Estes fatores condicionantes dos limites de nossa realidade ficam mais evidenciados na infância e adolescência, quando nossa capacidade de exercer a liberdade ainda está em formação.

Além das questões ambientais ainda há fatores biológicos que também exercem influências sobre nossa existência, pensamento, ação, escolhas. Considerando o ser humano numa perspectiva holística, mente e corpo fazem parte do mesmo ser.

No ponto de vista psicológico, o ser humano é múltiplo, influenciando e sendo influenciado a todo tempo por questões subjetivas, objetivas, relacionais, do meio ambiente e orgânicas.

Neste contexto, há a possibilidade de liberdade? Ou podemos estar pensando sermos livres, quando de fato estamos sendo levados por todas estas influências?

### **3. LIBERDADE X DETERMINISMO**

Em uma perspectiva psicanalítica, liberdade não passa de uma ilusão, já que uma determinação inconsciente rege nossos sentimentos, escolhas e ações. Nossas escolhas são tendenciosas, ou seja, ainda que tenhamos opções para escolher, o que escolhermos e o modo como escolhermos são previamente determinados por questões subjetivas da história pessoal, do inconsciente, do meio social, de modelos relacionais, entre outros fatores que exercem influência em nosso ser, portanto, estamos a eles submetidos. Como o próprio Freud afirma:

Notarão desde logo que o psicanalista se distingue pela rigorosa fé no determinismo da vida mental. Para ele não existe nada insignificante, arbitrário ou casual nas manifestações psíquicas. Antevê um motivo suficiente em toda parte onde habitualmente ninguém pensa nisso; está até disposto a aceitar causas múltiplas para o mesmo efeito, enquanto nossa necessidade causal, que supomos inata, se satisfaz plenamente com uma única causa psíquica (FREUD, 1910, p.50).

No behaviorismo há o mesmo determinismo. Mas, neste ponto de vista, por meio do condicionamento de comportamentos, ocorre uma resposta comportamental criada através de sequências de recompensas ou punições ambientais. Não há alternativa, todo comportamento humano é controlado por uma variável ambiental, mais especificamente pela história de reforçamento.

A pessoa que afirma sua liberdade dizendo: “**Eu resolvo o que farei a seguir**” está falando de liberdade numa situação comum: O **eu** que assim parece ter uma opção é o produto de uma história da qual não está livre e que, de fato, determina o que ele fará agora. (SKINNER, 1982, p. 145, grifo meu)

Deste modo, ambas as abordagens desconsideram a possibilidade de uma liberdade genuína, pois, ainda que nos tornemos conscientes de alguns fatos determinantes, não somos capazes de sermos conscientes de todos eles o tempo todo.

Tratam-se de pensamentos plausíveis, mas a nossa incapacidade de sermos conscientes de todos os fatores que nos influenciam torna-nos necessariamente “escravos” de nossa própria subjetividade ou do nosso ambiente?

Então, onde está a liberdade? Somos livres para escolher como queremos viver nossas vidas? Somos livres para escolher quem queremos ser ou como agir?

De acordo com Sartre a liberdade nos é inerente, não é algo que conquistamos ou que podemos buscar, pois o homem é a própria liberdade. Estamos condenados a sermos livres, porque dela não podemos escapar, já que ela é nossa própria existência. Entretanto, com ela está intrinsecamente ligada a responsabilidade, da qual também não temos escapatória. Somos livres para existir e responsáveis pelas consequências das nossas ações no mundo.

O homem é liberdade em seu próprio ser. Podemos afirmar que a liberdade e a consciência se circunscrevem reciprocamente. A existência precede e comanda a essência, e todo empenho em demarcar a liberdade torna-se contraditório, pois a liberdade se explica como fundamento de todas as essências. (ANGERAMI, 1993, p.6)

A realidade determinante, ou seja, o contexto em que vivemos, é onde exercemos nossa liberdade, portanto a liberdade é ao mesmo tempo limitada e possibilitada por tudo o que nos rodeia, sobretudo pelos outros.

Os obstáculos que encontramos durante a vida para exercer nossa liberdade são como índices de adversidade e a sua superação ou não dependerá do sentido que daremos a ela. Neste momento, exercitamos a liberdade, assim, ainda que a realidade nos limite, somos livres para escolher, para dar significado e sentido ao que vivemos. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o

primeiro princípio do existencialismo (VIANA, 2008, p. 148 *apud*. SARTRE, 1987, p. 5-6).

#### 4. LIBERDADE E A PÓS-MODERNIDADE

Atualmente, em um contexto onde a maioria dos países são democráticos, talvez a liberdade tenha outra dimensão. A maioria dos nossos direitos estão previstos em lei e, ainda que haja algum tipo de discriminação e dificuldade de acesso para as minorias, houveram grandes avanços na garantia de direitos para negros, mulheres, LGBTs, etc.

Zygmunt Bauman, sociólogo e filósofo contemporâneo, levantou a questão sobre o peso da liberdade, pela consciência de responsabilidade centrada no indivíduo, bem como a constante dúvida e a falta de referenciais neste mundo livre em que vivemos atualmente.

Esse peso da liberdade pode ser um dos motivos para o aumento de jovens e adultos sofrendo dos mais diversos transtornos. O Brasil é o país com a maior taxa de pessoas com transtorno de ansiedade e o quinto em casos de depressão, segundo dados da Organização Mundial de Saúde.

Estamos em um século em que o “sonho” daqueles que lutavam pela liberdade se concretizou. Mais de setenta anos após o fim da segunda guerra mundial (cenário das maiores atrocidades e cerceamento da liberdade), hoje vivemos em uma época em que os indivíduos escolhem suas carreiras, onde morar, que conteúdos ter acesso na internet. Estamos na ‘era digital’, as noções e as relações de fronteira se alteraram desde então, bem como a relação entre as pessoas e consigo mesmas.

Rapidamente conseguimos nos conectar com pessoas do outro lado do planeta, vemos imagens de satélite, temos acesso aos mais variados conteúdos ao alcance de um *click*. A velocidade de tudo aumentou do mesmo modo que a diversidade. Estamos imersos em um mundo de possibilidades e a crença de que tudo o que construímos depende unicamente de nós, faz-se presente no discurso de muitas pessoas.

[...] no limiar da era moderna fomos emancipados da crença no ato da criação, da revelação e da condenação eterna. Com essas crenças fora do caminho, nós, humanos, nos encontramos "por nossa própria conta" - o que significa

que, desde então, não conhecemos mais limites ao aperfeiçoamento além das limitações de nossos próprios dons herdados ou adquiridos, de nossos recursos, coragem, vontade e determinação. E o que o homem faz o homem pode desfazer. Ser moderno passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado. (BAUMAN, 2000, p. 37-38)

Essa realidade traz consigo algumas consequências levantadas por Bauman. Uma delas é que a velocidade e a diversidade das coisas afetaram as relações das pessoas com o mundo, entre elas e consigo mesmas. Bauman definiu esta relação como “líquida”, pois têm aumentado o número de relacionamentos de curta durabilidade com vínculos frágeis. Neste sentido, as pessoas na pós-modernidade podem ter mais relacionamentos ou não se relacionar afetivamente com ninguém. Não há mais uma cobrança social para que o casamento seja levado para uma vida inteira, inclusive pode nunca acontecer.

Estamos conectados ao mundo, uns aos outros, mas nenhuma conexão profunda e, quando surge algum conflito nesta relação, alguém que não supriu as expectativas, este relacionamento é facilmente rompido e algum tempo depois outro é estabelecido, inclusive em situações em que as pessoas nunca tenham se encontrado pessoalmente.

Temos inúmeras possibilidades e escolhas. Temos, assim, a liberdade. Contudo, existem consequências: ficamos perdidos, em dúvida, não sabemos o que fazer, qual caminho seguir, como planejar e levar a diante um projeto de vida. As pessoas ficam insatisfeitas e aflitas, ansiosas e deprimidas, além disso, toda responsabilidade recai sobre o indivíduo, toda glória e todo fracasso.

Não há mais grandes líderes para lhe dizer o que fazer e para aliviá-lo da responsabilidade pela consequência de seus atos; no mundo dos indivíduos há apenas outros indivíduos cujo exemplo seguir na condução das tarefas da própria vida, assumindo toda a responsabilidade pelas consequências de ter investido a confiança nesse e não em qualquer outro exemplo. (BAUMAN, 2000, p. 40)

## 5. LIBERDADE, ANGÚSTIA E RESPONSABILIDADE

É possível que vivamos em um estado de excesso de autorresponsabilização. Bauman (2000, p.42) afirma que a sociedade nas últimas décadas substituiu a determinação heterônoma da posição social pela autodeterminação compulsiva e obrigatória, ou seja, assumimos a responsabilidade por tudo que acontece em nossas



vidas, sem levar em consideração o contexto limitante em que estamos inseridos, sem ter autonomia suficiente para agir sobre determinadas questões. Contradições e riscos continuam a ser socialmente produzidos, entretanto, o dever e a necessidade de enfrentá-las estão sendo individualizadas.

Mas será que o indivíduo é tão responsável por tudo? Será que tudo o que acontece em nossas vidas depende só de nós? Até que ponto assumir essa responsabilidade em ser livre pode ser benéfica?

Sentir-se responsável pela própria existência, por cada escolha, pode gerar uma grande angústia, porém para os existencialistas, este não é um sentimento negativo e sim uma experiência valiosa que emerge quando tomamos consciência da nossa condição humana. (ANGERAMI, 1993, p.30)

De acordo com Angerami (1993 p. 31) a angústia é o reconhecimento de que as coisas têm significado que lhes damos, que o sistema através do qual definimos a cada momento a nossa situação é atribuído ao mundo por nós, e que, portanto, não podemos derivar deles a maneira de ser no mundo. Pode-se entender que ao nos percebermos livres e responsáveis por nossas escolhas, experimentamos a angústia, assim sentir-se angustiado é um sinal de tomada de consciência da liberdade.

Sofremos com a angústia de sermos livres, pois, como ilustrou Sartre, somos responsáveis por tudo que fazemos e por cada escolha. A angústia se dá por sermos responsáveis não só pelo sucesso, mas também pelo próprio fracasso. Cada escolha que fazemos é um risco, não temos certeza do resultado.

Essa responsabilização do indivíduo se correlaciona com o conceito de *Individualização* de Bauman:

[...] a "individualização" consiste em transformar a "identidade" humana de um "dado" em uma "tarefa" e encarregar os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das consequências (assim como dos efeitos colaterais) de sua realização. Em outras palavras, consiste no estabelecimento de uma autonomia de jure (independentemente de a autonomia de fato também ter sido estabelecida). (BAUMAN, 2000, p. 41)

No mundo contemporâneo, as coisas mudam com rapidez, os objetivos, os objetos de satisfação, os bens de consumo, as relações são fluídas. Temos um desejo de que as coisas aconteçam logo, de que nossos objetivos sejam em breve alcançados, mas a linha de chegada para autossatisfação move-se rápido demais, de modo que nem chegamos a alcançá-la e outro objetivo é logo traçado, outra meta a

ser cumprida antes mesmo de termos satisfeitos a primeira. Assim, não nos satisfazemos, estamos sempre correndo atrás, a felicidade em existir está sempre além do nosso alcance, vivemos num constante projeto futuro, porém este futuro está em constante mutação.

Movemo-nos e continuaremos a nos mover não tanto pelo 'adiamento da satisfação' como sugeriu Max Weber, mas por causa da impossibilidade de atingir a satisfação: o horizonte da satisfação, a linha de chegada do esforço e o momento da autocongratulação tranquila movem-se rápido demais. A consumação está sempre no futuro, e os objetivos perdem sua atração e potencial de satisfação no momento de sua realização, se não antes. Ser moderno significa estar sempre à frente de si mesmo, num Estado de constante transgressão (nos termos de Nietzsche, não podemos ser sem ser, ou pelo menos lutar para ser); também significa ter uma identidade que só pode existir como projeto não-realizado. (BAUMAN, 2001, p.38)

Desta forma, a liberdade, somada ao excesso de autorresponsabilização, pode ser aprisionante, angustiante e cerceador da liberdade, pois, há uma cobrança social desmedida sobre os ombros dos indivíduos, independente de as circunstâncias permitirem as condições básicas necessárias para o desenvolvimento de sua autonomia.

Esta cobrança social pode acarretar na cobrança pessoal, na medida em que o indivíduo ao fracassar na concretização de seus objetivos, avalia-se como incapaz e ineficiente, quando de fato todo um sistema coletivo, de maior abrangência, dificultou o seu sucesso, entretanto ele não percebe esta contingência por estar intimamente ligado a esta crença de que tudo o que acontece na vida é de responsabilidade unicamente individual.

Bauman (2001, p.27) levanta o questionamento de que talvez as pessoas não queiram ser livres, pois a liberdade é uma bênção ou uma maldição? Uma maldição disfarçada de benção ou uma benção temida como maldição?

É possível que as pessoas não queiram assumir a responsabilidade que acompanha a autonomia e autoafirmação genuína, pois podem sentir-se abandonados aos seus próprios recursos, trazendo consigo tormentas mentais e a agonia da indecisão, enquanto que a responsabilidade sobre os próprios ombros pronuncia o medo paralisante do risco e do fracasso sem direito a apelação ou desistência. Desta forma, ser livre talvez não traga felicidade, pelo contrário, pode trazer mais dor e sofrimento. (BAUMAN, 2001, p. 28)



Contudo, será que existe uma liberdade de forma positiva, uma autonomia que proporcione satisfação?

A liberdade pode deixar de ser angustiante quando conseguimos um equilíbrio entre o desejo e o agir, consciente da interdependência que temos em relação aos outros e à sociedade como um todo, uma liberdade dentro das possibilidades, levando em consideração nossas escolhas e as limitações do contexto, sem entrar em contradições.

É possível que, através do autoconhecimento com a análise das situações e das pessoas envolvidas, conscientes dos fatores que estão presentes na nossa existência, possamos fazer escolhas mais eficientes, estabelecer metas e construir projetos realistas e, se porventura algo acontecer durante esse percurso, que nos desvie daquele objetivo ou simplesmente aquele objetivo deixe de fazer sentido, que tenhamos ciência dos motivos.

Assim, poderemos exercer nossa liberdade com maior tranquilidade, convivendo de uma maneira satisfatória com as angústias que ela traz, entendendo seus processos e o sentimento de indecisão.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Determinados ou não, livres ou não, fato é que sem autoconhecimento as possibilidades de desenvolvimento de autonomia se reduzem. Com ou sem autonomia para existir, estamos todo tempo fazendo escolhas, das mais simples as mais complexas, estamos escolhendo mesmo sem ter consciência de que praticamos uma escolha.

Portanto, se há a possibilidade de sermos regidos por questões que vão além do próprio controle, saber delas, quais são, como agem e o porquê, podem trazer um sentimento libertador, talvez até a possibilidade de mudar a realidade, caso assim escolha.

## REFERÊNCIAS

ANGERAMI, Valdemar. **Psicoterapia existencial**. São Paulo: Editora Pioneira, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910)**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006. Volume XI.

ISTOÉ. **Brasil tem maior taxa de transtorno de ansiedade do mundo, diz OMS**. Edição 2515, 23/02/2017. Disponível em: <https://istoe.com.br/brasil-tem-maior-taxa-de-transtorno-de-ansiedade-do-mundo-diz-oms/>. Acesso em: 27 fev. 2018.

MATTEO, Vincenzo Di. Filosofia e liberdade: o desafio da psicanálise. **Estud. psicanal.** Belo Horizonte, n. 42, p. 135-144, dez. 2014 . Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372014000200015&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372014000200015&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 24 fev. 2018.

SILVA, Aline Maria Vilas Bôas da. A concepção de liberdade em Sartre. **Filogenese**. Marília (SP), v. 6, nº 1, 2013. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

VIANA, Nildo. Sartre e Marxismo. **Filosofia**. Unisinos. v. 9, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/5353>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

*Recebido em 08/03/2018*

*Versão corrigida recebida em 02/05/2019*

*Aceito em 05/10/2019*

*Publicado online em 22/12/2020*